

14/04/2012

Nutrição - Estão abertas até o dia 23 as inscrições para o mestrado em Nutrição da UFSC. O programa oferece até 35 vagas em três linhas de pesquisa. Para seleção, será feita prova de conhecimentos, análise de currículo e análise e defesa do plano científico de trabalho. Informações: www.ppgn.ufsc.br.

Diário Catarinense-Serviço

Janela para o mar

O poeta Alcides Buss deve lançar em breve um novo livro de poesia, *Janela para o Mar*, pela Editora Caminho de Dentro. Um enorme desafio, posto que não foram poucos os que se debruçaram sobre o tema, entre eles, Camões, Fernando Pessoa, Castro Alves e Cecília Meireles.

Segundo o escritor e crítico Ivan Junqueira, que assina o prefácio do livro, "o mar está em nós, em nossas veias, em nossas almas, em nossa história, dentro de uma dimensão do tempo que não cabe na cronologia dos calendários".

Diário Catarinense-Cacau Menezes

Teatro 1

Neste domingo, estreia a temporada do Domingo é Dia de Teatro do Shopping Iguatemi Florianópolis com a apresentação da peça *As aventuras de Dona Mil Patinhas*. O evento terá três horários, às 11h, 15h e 17h, na praça de eventos do Iguatemi. O teatro é gratuito e os ingressos podem ser retirados no Balcão de Informações do Iguatemi no dia do espetáculo, a partir das 11h. Informações no site www.iguatemiflorianopolis.com.br.

Teatro 2

Sábado às 20h e domingo às 19h, no teatro da UFSC (praça Santos Dumont, Trindade), ocorrerá a apresentação da peça teatral "Ontem, uma lembrança...". O ingresso custa R\$ 14 a inteira e R\$ 7 a meia. Informações pelos telefones (48) 8813-9222, com Eduardo, ou (48) 9971-0169, com Rogério.

Notícias do Dia-Tome Nota-14e15/04/2012

PEDALA PARKINSON

Domingo de mobilização

Com o objetivo de congregar portadores da doença, familiares, cuidadores, profissionais da saúde e amantes do ciclismo, será realizado neste domingo, o 2º Pedala Parkinson, no dia internacional da doença. Os ciclistas sairão da frente da Reitoria da UFSC, às 15h.

De acordo com os organizadores, haverá bicicletas especiais para pessoas com maior dificuldade. Da UFSC, os participantes seguirão pela avenida Beira-mar Norte até o Koxixos, retornando ao ponto de partida, em um trajeto de aproximadamente 10 quilômetros.

Notícias do Dia-Geral-14e15/04/2012

SÁBADO, 14 DE ABRIL DE 2012 - Nº 472

Edição: Romi de Liz > (48) 3216-3591 > E-mail: romi.liz@diario.com.br > Diagramação: Gi Neder



Vamos celebrar a estupidez humana?

JASON DE LIMA E SILVA *

Se aceitarmos a estupidez, continuaremos estúpidos. Não agir ou não dizer quando humanamente seja necessário é aceitar a estupidez, continuar estúpido. Não nos diz o ditado que quem cala consente? É comum nos calarmos ou não agir por preguiça ou covardia. Preguiça para pensar ou covardia para agir são próprias da estupidez, *stultitia* do latim, um disparate, uma falta de juízo. Essa falta de juízo de muitos ao mesmo tempo é a condição para a violência que vivemos atualmente, não há como negar. A própria palavra violência foi e é violentamente gasta, tanto quanto a palavra amor. Quais sentidos podem nos dizer a palavra violência ou quantas violências sem sentido ainda suportaremos entre nós? Quando nada mais nos faz sentido, quando somos incapazes de criar sentidos para a vida, está valendo tudo: matar ou morrer.

O fato foi divulgado no início de fevereiro: o professor universitário Evandro Oliveira de Brito e seu amigo, o músico Érick Casarin, foram espancados na Praia da Ferrugem. Ao que parece, em razão de umas batatas fritas que comiam após uma festa, batatas que lhes valeram socos de um bando, e pontapés e pancadas com pedra e chave de roda no rosto e na cabeça: para matá-los, obviamente. Os detalhes da história são bizarros. Aos poucos precisamos ouvir e desenrolar o fio de toda essa trama. Sabemos o resultado, e o laudo médico do professor não conta pouca

coisa: "trauma crânico-encefálico com fratura de osso temporal e parietal", "fraturas dentárias em maxilar e mandíbula"...

Os homicidas em potencial nesse fato foram três homens, quer dizer, houve um primeiro espancamento geral de muita gente na frente de muita gente e depois uma emboscada de um bando menor. Fala-se especialmente de dois. Teriam desaparecido de nosso mundo para sempre por livre escolha? Lamentavelmente, não creio. Dada a estupidez de sua ação e de sua memória, os homens de tal bando deixam de ser humanos nesse momento e põem em risco nossa própria humanidade.

E o que temos a ver com isso? Basta aceitarmos o fato como mais uma curiosidade relatada pelos meios de comunicação, entre outras tantas barbáries de nosso dia a dia, que se repetem e nos cansam, sem esperarmos e sem fazermos mais nada, sem combatermos todo gesto e toda a palavra que prometam e reproduzam tais violências, seja pela apatia de sabê-las ou pela covardia de ignorá-las, e isso desde pais insultados por suas crianças a professores violentados por seus alunos, até casos mais graves como esse na bela Praia da Ferrugem? O acontecimento me abateu não apenas porque conheço o professor Evandro, com ele trabalho e mantenho amizade, mas porque a mim me chega como mais uma falta de esperança no ser humano. A barbárie de uma época começa na incapacidade de pensar e falar, de agir e criar qualquer coisa para a vida pessoal e para a vida em comum.

Os potencialmente homicidas deixam de

ser humanos nesse ato porque a humanidade não é uma coisa que nos está garantida. Podemos a qualquer tempo perdê-la, diz o filósofo Ortega y Gasset. Corremos o risco de nos desumanizar. Porque ser humano é estar com outros e se fazer com outros, cuja diferença nos faz também ser quem somos. E nós nos fazemos humanos quando aprendemos a falar, a conviver, aprendemos a desenharmos as letras e a fazer cálculos, sentimo-nos responsáveis por nossa sobrevivência, aprendemos o que pode e o que não pode ser feito nos limites de nossa condição e da condição do outro, sentimos dor, muitas vezes medo, e buscamos consolo, ouvimos música e também compartilhamos prazeres com nossos amigos. Reconhecemos e estranhamos nossas diferenças e mais nos humanizamos quanto mais aperfeiçoamos o que há de melhor e enfrentamos o que há de pior em nós e à nossa volta. Esforço que faz merecida a nossa vida, e a cada um é dado saber o quanto faz por merecer a vida que vive com outros.

Omitirmo-nos nessa questão pública de Garopaba é omitirmo-nos à barbárie que dia a dia esquecemos pela repetição sem sentido de fatos aparentemente isolados que nada têm a ver conosco, como nada teve a ver com quem viu e ouviu o pedido de socorro por parte do professor e de seu amigo, entre a primeira agressão coletiva e a posterior emboscada dos bandidos. Quando todos dizem "eu não tenho nada a ver com isso", todos autorizam o que lhes acontece à volta. Quem sabe, deve falar e falar do que sabe. Precisamos todos ainda, e não apenas a polícia e o juiz, apu-

rar e denunciar a responsabilidade de quem agiu ou se omitiu nesse crime. Pois, se não pudermos mais contar com outros, estaremos perdidos: não haverá mais comunidade, nem felicidade, e seremos vencidos pelo que há de mais miserável no humano e na vida, que por si mesma já nos traz dor e morte. Se agora escrevo é porque ainda conto com boas pessoas à minha volta, como ainda conto com o professor Evandro, cuja alegria e cuja inteligência são a potência de uma cultura que perde cada vez mais sua história e seu idioma, sua civilidade e seu respeito. Há muita estupidez que já ocupa o tempo e a imagem da cena pública e nos impede de perceber o valor sem preço de algumas verdadeiras pessoas e de algumas ações que guardam e estimulam o que há de melhor no humano. O que há de pior não deve ser simplesmente esquecido, mas muitas vezes lembrado, debatido e combatido, para que não seja repetido.

Esperamos que tal crime não seja um episódio a mais da telenovela que fazem de nossa vida real. Caso contrário, como canta Renato Russo (e vale ouvir toda a música), "Vamos celebrar / A estupidez humana / A estupidez de todas as nações / O meu país e sua corja / De assassinos / Covardes, esturpadores / E ladrões... / Celebrar a juventude sem escolas / as crianças mortas / Celebrar nossa desunião... / Vamos celebrar a aberração / De toda a nossa falta / De bom senso / Nosso descaso por educação / Vamos celebrar o horror / De tudo isto..."

* Professor de Filosofia do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC

Ensino superior brasileiro ainda tem um grande déficit

A capacidade do país é colocar 30% dos jovens nas universidades. Porém, hoje, são apenas 12%, o equivalente a 6,3 milhões de estudantes matriculados

O diretor geral da Esag, professor Dr. Mário Cesar Barreto Moraes, acredita que o país ainda tenha muito o que cresce em relação à absorção de alunos no ensino superior. Segundo ele, o país tem capacidade de colocar 30% dos jovens entre 18 e 24 anos nas escolas superiores, mas apenas 12% estão efetivamente matriculados. "Se a gente verificar o número de alunos matriculados no segundo grau, chegamos a um número de 50 milhões de estudantes. Considerando que 1/3 desses está no último ano, isso significa que 17 milhões de estudantes estão batendo à porta das escolas superiores. Porém, apenas 6,3 milhões de alunos estão matriculados nessas instituições", salienta.

Hoje, cerca de 20% do total de alunos da educação superior pertencem aos cursos de administração de empresas. O senhor acredita que isso venha a ocorrer em função do grande número de escolas que estão entrando no mercado brasileiro com promessas de empregabilidade garantida para a profissão e, mais ainda, com a possibilidade de educação continuada, com os cursos de MBA que têm foco nessa mesma área de conhecimento?

Professor Mário: Na realidade, o que vem fomentando o crescimento dos cursos de administração no Brasil é que, atualmente, há cerca de 7 milhões de empresas, entre pequenas, médias e grandes - não contando a área pública, enquanto há entre 2,5



Foto Divulgação
Professor Mário Cesar Barreto Moraes faz uma análise dos cursos de administração

milhões e 3 milhões de administradores formados.

Quem são os maiores concorrentes dos administradores no Brasil?

Professor Mário: O maior concorrente do bacharel em administração é o engenheiro, depois os contabilistas, economistas e egressos de cursos de Direito. No caso dos engenheiros de produção, ainda há um contingente pequeno de profissionais formados, que trabalha em um nicho mais específico, o processo. Os demais concorrentes estão mais diretamente envolvidos na gestão dos negócios.

As escolas de administração de empresas de Santa Catarina estão muito bem classificadas no Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), ficando à frente das escolas do Rio Grande do Sul e Paraná - dois Estados maiores. Como o senhor analisa esse resultado?

Professor Mário: Isso é interessante, porque, de fato, o número de instituições de ensino com conceito 5 é muito pequeno, menos de 5% em relação aos 1.900 cursos de administração avaliados no país. Ou seja, apenas 48 instituições têm conceito máximo no Enade e, desses, 10% estão em Santa Catarina. Além disso, muitas instituições de Santa Catarina têm conceito 4.

Em Florianópolis há muitas escolas de administração. Como o se-

nhor analisa a relação número de escolas e número de habitantes da cidade?

Professor Mário: São 14 escolas de administração na capital catarinense. Esse número chega a assustar, especialmente, porque a cidade não tem nem 500 mil habitantes, no entorno não há 1 milhão de habitantes. Agora, o nível é bom e é preciso lembrar que há quatro escolas públicas em Florianópolis: a UFSC, a Esag, a Faculdade Municipal da Palhoça e o Centro Universitário de São José. Fora isso, há mais 10 escolas privadas somente na cidade de Florianópolis. Em Santa Catarina, são mais de 100 cursos de administração, mas isso não significa que o ensino é de má qualidade, exatamente pelo fato das escolas catarinenses se destacarem em exames como o Enad.

Como o senhor analisa o lento crescimento do ensino superior no Brasil?

Professor Mário: O Brasil tem capacidade de colocar hoje 30% dos jovens entre 18 e 24 anos nas escolas superiores, mas tem apenas 12%. Se a gente considerar os alunos matriculados no segundo grau, chegamos a um número de 50 milhões de estudantes. Se considerarmos ainda que 1/3 está no último ano, isso significa um número próximo a 17 milhões de estudantes. Mas, temos 6,3 milhões de alunos matriculados atualmente no ensino superior brasileiro. Quer dizer, apenas 1/3 dos alunos de último ano se matriculam em cursos

superiores. O que é preciso é motivar esses alunos a ingressarem nas escolas. Na previsão do Plano Nacional de Educação anterior, a previsão era chegar a 15 milhões de alunos matriculados nas escolas superiores, mas ficamos bem aquém desse objetivo.

A qualidade dos cursos está piorando no Brasil, constata as pesquisas. Isso se deve ao fato de muitas escolas estarem entrando no mercado sem cumprir os mínimos critérios de qualidade necessários para exercer sua função?

Professor Mário: Por um lado, isso se deve mesmo ao perfil das instituições de ensino superior, mas grande parte do problema tem origem lá para trás, ou seja, na formação do ensino fundamental e médio. O aluno que chega hoje numa universidade tem bem mais dificuldades de aprendizagem do que tinha há três anos. Se você pega um egresso de 10 anos atrás, aí a diferença é muito maior. Para solucionar esse tipo de questão, não basta mais as escolas de ensino superiores ensinarem, elas precisam educar. Então, eu diria que o processo de ensino e aprendizagem está muito mais complexo do que antigamente.

Não parece um contrassenso que essa geração que tem muita informação ao dispor passe por dificuldades de aprendizagem na escola de terceiro grau?

Professor Mário: É verdade, eles utilizam todos os meios eletrônicos, dominam a informática, mas apresentam muitas carências no processo educativo. Em um mercado competitivo, aqueles que foram educados e não ensinados para o mercado, apresentam uma grande vantagem competitiva em relação aos outros.

Voltando aos cursos de administração, o senhor acredita que a promessa de empregabilidade nessa profissão seja um fator fundamental para o êxito de tantas escolas que foram implantadas no mercado nos últimos anos?

Professor Mário: A administração abre um grande leque de opções de atuação. Está melhorando, porque os CRAs (conselhos estaduais de administração) estão fiscalizando melhor e exigindo o que diz a lei: que haja um administrador respondendo por cada empresa. Claro que, quando isso ocorrer, o número de profissionais deverá aumentar significativamente.

16/04/2012

• **Emprego** - Os universitários de Santa Catarina em busca de uma vaga de estágio ou trainee podem participar da feira de oportunidades ih!Formei, que ocorre no dia 3 de maio, na UFSC. O evento gratuito vai reunir empresas como o Grupo RBS e permitir que os estudantes cadastrem seus currículos. Informações: www.ihformei.com.br.

Diário Catarinense-Serviço

AGENDEM

"A Antropóloga", filme de Zeca Pires, será exibido no próximo sábado, no Salão Paroquial da Costa da Lagoa com a presença do diretor e dos atores Severo Cruz e Eduardo Bolina, que moram na área onde o filme foi rodado. A programação faz parte do Cine Ieda Beck itinerante. Uma boa oportunidade para a raça já começar a festa ao meio-dia, comendo uma caripeva frita na Neide.

Notícias do Dia-Ricardinho Machado

Pela indústria (1)

A Fiesc realiza seminário sobre desindustrialização, quinta-feira, às 16h30min, no seu Centro de Eventos. Os palestrantes serão o ex-presidente do BNDES, Luiz Carlos Mendonça de Barros, e o economista e professor da UFSC, Silvio Ferraz Cario. Mendonça falará sobre o cenário macroeconômico e os reflexos na desindustrialização. Cario vai liderar painel sobre o tema do evento.

Pela indústria (2)

Senadores, deputados federais e estaduais são convidados para debater desindustrialização com industriais, o ex-governador do RS, Germano Rigotto e o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Luiz Aubert Neto. O evento será na próxima segunda, na Capital. Aubert vai alertar que o setor de máquinas teve déficit comercial de US\$ 20 bilhões em 2011.

Diário Catarinense-Estela Benetti

JORNALISMO

Seminário começa amanhã na UFSC

A partir de amanhã, Florianópolis recebe o 2º Seminário Brasil Argentina de Pesquisa e Investigação em Jornalismo. O evento vai até quarta-feira. Nas mesas de debate, serão tratados temas como investigação na política, nas empresas e organizações, métodos de pesquisa e riscos profissionais acadêmicos. Entre os convidados está Simone Kafruni, editora do caderno BIT do Diário Catarinense. Mais informações www.bapijor.ufsc.br.

Diário Catarinense-Geral

Sugestão

O leitor da coluna, Élcio Silva, diante dos impasses e imbróglis envolvendo a duplicação da avenida deputado Antônio Edu Vieira, sugeriu que estabeleça sentido único para quem vai para a UFSC e sentido único na Carvoeira e rua Romualdo de Barros para quem sai da Universidade. Acredita que esse paliativo resolveria o problema, embora reconheça que poderá haver reação contrária dos moradores, que teriam como alternativa a avenida César Ceara com sentido duplo e, no Saco dos Limões, a rua João Espezim seria mão única de ida. Ou seja, uma sugestão enquanto a obra continua emperrada.

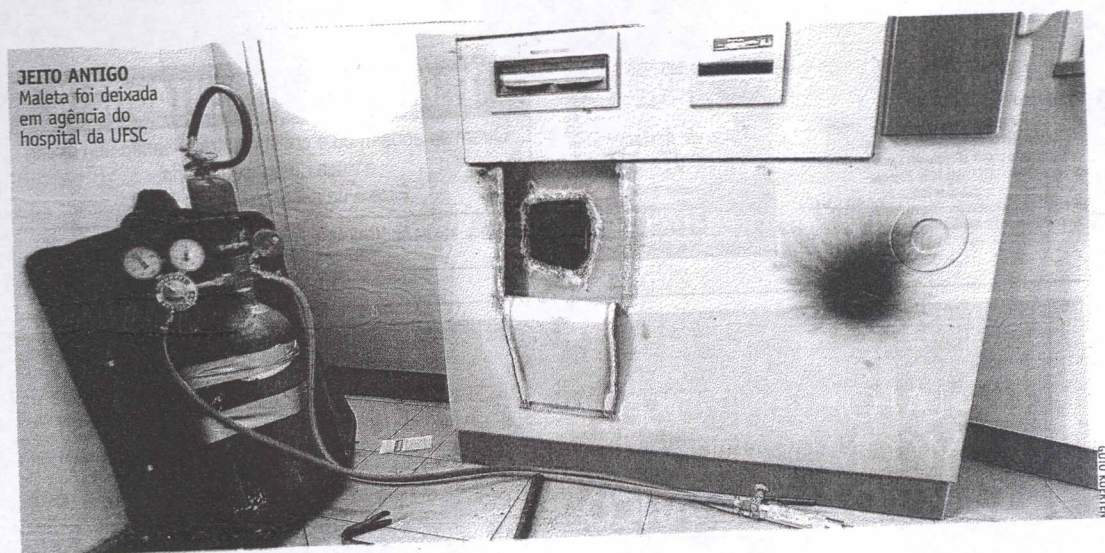
Notícias do Dia-Paulo Alceu

Nossa língua portuguesa

A presidente Dilma Rousseff recria a Torre de Babel com a nova Lei nº 12.605, que determina "o emprego obrigatório da flexão de gênero". A partir de agora, por sanção da "presidenta" da República, "as instituições de ensino expedirão diplomas com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido". Exemplo: Maria da Graça, torneiro-mecânico do "gênero" feminino, terá em sua parede um diploma de "torneira-mecânica". Segundo o professor Felício Wessling Margotti, de língua portuguesa e linguística, diretor do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, "a lei é um equívoco, uma vez que considera o gênero gramatical equivalente ao sexo". Diz mais: "talvez seja porque Dilma também tenha sido "estudenta", ou "sargentá", ou "eleganta"...

Se em vez de legislar sobre um novo vocabulário, o Congresso Nacional e a Presidência da República tivessem brincado de falar a língua do pé, seria igualmente inútil, mas, pelo menos, mais divertido.

Diário Catarinense-Cacau Menezes



Caixas eletrônicos Seis ataques em 3 dias

Em três ações, ladrões abandonam maçaricos usados nos arrombamentos

O fim de semana foi marcado por seis ataques a caixas eletrônicas. Cinco aconteceram na Grande Florianópolis. O último, no Norte de Santa Catarina. A maioria das ações foi frustrada. Maçaricos abandonados nas agências sinalizam a velha maneira usada pelos bandidos para arrombar os equipamentos. Até o início do mês, havia uma onda de ataques com dinamites.

O delegado Laurito Akira Sato,

que assume a Diretoria Estadual de Investigações Criminais (Deic) hoje à tarde, afirma que o uso de maçarico requer um profissional que conheça a ferramenta e o equipamento da agência bancária. "Não acho que as ações do fim de semana sejam suficientes para afirmar uma mudança na maneira de agir das várias quadrilhas de ataques a caixas eletrônicas que atuam no Estado.

Biguaçu foi palco do primeiro ataque, ainda na sexta, às 23h10, com uso de maçarico. Um morador estranhou a movimentação na agência do Banco do Brasil e avisou à polícia. Os suspeitos teriam fugido após perceber que a ação havia fracassado. Dois maçaricos foram deixados no local.

Quatro horas depois, na Lagoa da Conceição, em Florianópolis, o vigilante de um shopping foi rendido por homens armados. Eles usaram maçarico e fugiram levando o dinheiro do caixa eletrônico do Santander. A quantia não foi divulgada.

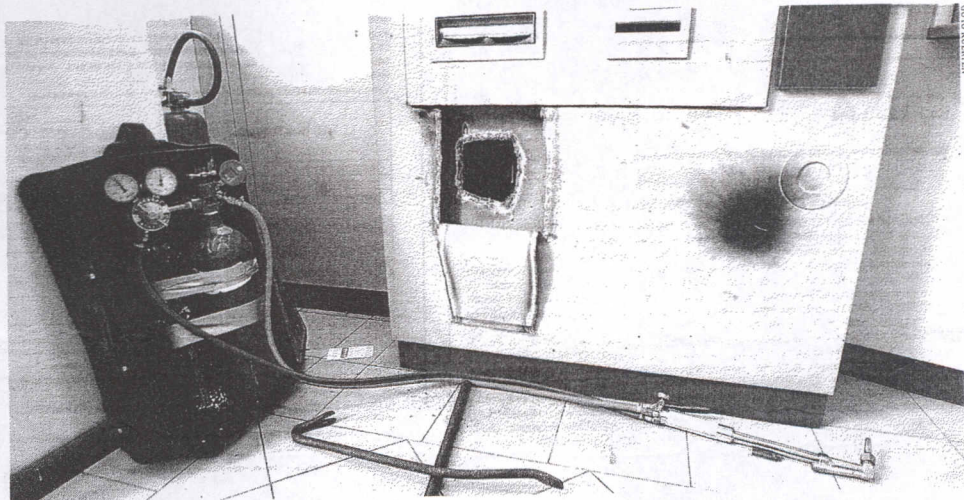
Na madrugada de domingo, os quadrilheiros danificaram outros quatro terminais, um deles também em Biguaçu. Em Garuva, no Norte de SC, os ladrões tiveram de fugir sem levar dinheiro depois que o alarme da agência bancária disparou.

Materiais explosivos utilizados nos últimos ataques deste ano foram usados em apenas uma dessas ações, às 3h30 de domingo, em São João Batista. A quantida-

de de dinamite utilizada não teria sido suficiente. O grupo fugiu em um carro roubado.

O último ataque foi no Hospital Universitário da UFSC, no bairro Trindade. Uma cliente chegou para retirar dinheiro às 7h15, quando percebeu que um balcão havia sido arrastado até a frente da porta para dar mais cobertura aos suspeitos. Ela avisou a polícia e um carro cinza teria sido visto saindo do local na chegada dos investigadores.

Um cilindro com vazamento de gás e um maçarico em uma maleta foram recolhidos pelos policiais. A quantia levada da agência do Santander, depois de um corte preciso no caixa eletrônico, não foi informada.



Na tentativa de furto em agência na UFSC, equipamento estava dentro de uma mala

A VOLTA DO MAÇARICO

Seis ataques em três dias

Em apenas um dos casos bandidos conseguiram levar dinheiro dos caixas eletrônicos arrombados

JOYCE SANTOS

O fim de semana foi marcado por nova série de seis ataques à caixas eletrônicos. Cinco aconteceram na Grande Florianópolis. O último foi no Norte de Santa Catarina.

A maioria das ações foi frustrada. Em apenas um caso, na Capital, os criminosos conseguiram levar uma quantia ainda não divulgada.

Maçaricos abandonados nas agências sinalizam outra maneira usada pelos bandidos para arrombar os caixas. Até o início do mês, havia uma onda de ataques com dinamites. O delegado Akira Sato, que assume a Diretoria de Estado de Investigações Criminais (Deic) hoje a tarde, afirma que o uso de maçarico requer um profissional preparado para obter sucesso na ação.

— Não acho que os ataques do fim de semana sejam suficientes para

afirmar uma mudança na maneira de agir das várias quadrilhas de caixas eletrônicos que atuam no Estado. Mas o maçarico exige um conhecimento aprofundado da ferramenta e também do mecanismo do equipamento da agência bancária.

O último caso, registrado no Campus da UFSC, na Capital, foi o que mais chamou a atenção da polícia. Uma cliente que chegou para tentar retirar dinheiro às 7h15min percebeu faíscas, e um balcão arrastado

até a frente da porta. Ela avisou a polícia e um carro cinza teria sido visto saindo do local na chegada dos investigadores. Um cilindro, um isqueiro e um maçarico, foram recolhidos pelos policiais. A precisão do corte na parte da caixa onde fica armazenado o montante de dinheiro e uma maleta com os cilindros e maçaricos chamou a atenção dos policiais. A quantia levada não foi informada.

joyce.santos@diario.com.br

A sequência

